

O corpo em cena: imagens digitais adolescentes e seus ecos na escuta psicanalítica

*The body on stage: adolescent digital images
and their echoes in psychoanalytic listening*

*El cuerpo en escena: imágenes digitales adolescentes
y sus ecos en la escucha psicoanalítica*

Luiza Dallale Teixeira
Natália Cidade
Silvia Abu-Jamra Zornig

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo explorar as manifestações do corpo na clínica psicanalítica da adolescência a partir das imagens digitais que estes sujeitos postam de si nas redes sociais. Nossa hipótese se constrói em torno do entendimento que estas ilustrações representam formas de expressividade não verbais da adolescência transpostas para o ambiente *online*, equivalentes às linguagens primitivas do corpo e do ato. Propondo uma ampliação da escuta das manifestações do corpo na adolescência para além do setting clássico, refletiremos sobre o manejo clínico diante de conteúdos encenados pelo corpo na adolescência e suas implicações contratransferenciais. Para tal, nos apoiaremos nas teorias de René Roussillon, Massud Kahn e Thomas Ogden, ressaltando a importância do componente intersubjetivo na clínica da adolescência.

Palavras-chave: corpo, adolescência, imagens digitais, psicanálise, intersubjetividade

Abstract

The present work aims to explore the manifestations of the body in the psychoanalytic clinic of adolescence, focusing on the digital images that these subjects post of themselves on social media. Our hypothesis is built upon the understanding that such images represent nonverbal forms of adolescent expressivity transposed into the online environment, equivalent to the primitive languages of the body and of action. By proposing an expansion of the listening to bodily manifestations in adolescence beyond the classical setting, we will reflect on the clinical handling of contents enacted through the adolescent body and on their countertransference implications. To this end, we draw upon the theories of Roussillon, Kahn, and Ogden, highlighting the importance of the intersubjective dimension in the psychoanalytic treatment of adolescence.

Keywords: body, adolescence, digital images, psychoanalysis, intersubjectivity

Resumen

Este artículo busca explorar las manifestaciones del cuerpo en la clínica psicoanalítica de la adolescencia a partir de las imágenes digitales que estos sujetos publican de sí mismos en redes sociales. Nuestra hipótesis se basa en la comprensión de que estas ilustraciones representan formas de expresión no verbal en la adolescencia, transpuestas al entorno digital, equivalentes a los lenguajes primitivos del cuerpo y el acto. Proponiendo una ampliación de la escucha de las manifestaciones corporales en la adolescencia más allá del contexto clásico, reflexionaremos sobre la gestión clínica del contenido que el cuerpo representa en la adolescencia y sus implicaciones contratransferenciales. Para ello, nos basaremos en las teorías de René Roussillon, Massud Kahn y Thomas Ogden, destacando la importancia del componente intersubjetivo en la clínica de la adolescencia.

Palabras clave: cuerpo, adolescencia, imágenes digitales, psicoanálisis, intersubjetividad

Introdução

É cada dia mais difícil considerar as subjetividades das metrópoles distante do contexto das tecnologias digitais. Isto vale para todas as idades. A presença maciça do ambiente digital no contemporâneo aponta para um movimento geral, atingindo os corpos e modificando radicalmente a função do estar junto (Levy, 2011). Ao mesmo tempo que os bebês já nascem imersos em um mundo digitalizado, as crianças e os adolescentes têm acesso às telas cada vez mais cedo e os idosos de hoje são muito mais familiarizados com as tecnologias do que outrora, onde os *smartphones* e seus aplicativos se inserem com maior naturalidade em seus cotidianos.

Interessados em estudar as manifestações expressivas da atualidade, notamos que as tecnologias digitais andam de mãos dadas, firmes, fortes e, de maneira particularmente especial, com o grupo dos adolescentes. Levando em consideração que, para além do momento da vida, os usos do digital são múltiplos e devem ser analisados de forma multifatorial, respeitando a singularidade da história de cada sujeito, percebemos como os adolescentes, em especial, estão radicalmente mergulhados neste universo. Eles cresceram “na trivialidade do uso das redes e dos dispositivos móveis” (Le Breton, 2017, p.15).

Destaques da pesquisa TIC Kids Online Brasil (2024), uma das principais fontes de dados sobre o comportamento online dos jovens no país, apontam que, em 2024, a escolha da principal plataforma de acesso pelas crianças e adolescentes oscilou, dependendo da faixa etária desses sujeitos. Enquanto o You Tube foi a principal plataforma acessada por usuários entre 9 e 12 anos; o Instagram foi a escolha entre a maioria dos usuários entre 13 e 14 anos; enquanto o Whatsapp se destacou entre os mais velhos, entre 15 e 17 anos. A estatística sobre a aderência vigorosa dos adolescentes ao uso das redes sociais é apenas uma confirmação do que, quem convive minimamente com estes sujeitos consegue, rapidamente notar. Quer estejam jogando online, postando, trocando com os amigos ou consumindo conteúdos dos mais diversos, é rotineiro vê-los na companhia das telas. Em alguns casos, seus celulares estão literalmente acoplados a si, presos aos seus corpos por alças como bolsas ou fortemente agarrados entre seus dedos, como quem detém seu bem mais precioso.

Ao colocar em relevo as transformações sociais oriundas do advento das tecnologias, comumente nos deparamos com reações temerosas ou catastróficas. Levy (2011), estudioso das relações entre a sociedade atual e

universo digital, propõe um novo olhar para este fenômeno. Para que isto seja possível, o autor pensa ser necessário que façamos um esforço para compreender as tecnologias antes de temê-las ou condená-las. Na mesma argumentação, Jerusalinsky (2023), ao analisar os efeitos de seus usos no contemporâneo, aponta que as modificações decorrentes da digitalização provocam nos sujeitos uma simultaneidade de afetos ambivalentes: um misto de fascínio e horror. Isto se dá pois, ao mesmo tempo que as tecnologias prometem facilitar algumas questões, inevitavelmente introduzem outras inéditas. Assim, a autora propõe que nós, os psicanalistas, não devemos valorizar hipóteses apocalípticas diante das mudanças nos modos de viver de uma nova era.

Suscetíveis a múltiplos usos, sabemos que o ambiente digital oferece tanto oportunidades quanto riscos à subjetivação, especialmente no contexto da infância e da adolescência. Contudo, não trataremos aqui de tecer comentários sobre os prós e os contras a respeito do uso de tecnologias por estes sujeitos. Buscamos propor uma ampliação da escuta clínica diante das novas formas de manifestação adolescente na prática psicanalítica e suas implicações para o manejo transferencial. Isto se justifica, pois estas subjetividades foram construídas diante das câmeras e inauguram novos gêneros de expressão, como as linguagens audiovisuais (Sibilia, 2007), cabendo aos clínicos fazerem uso de suas qualidades comunicativas para compor o trabalho com adolescentes.

Partindo de um olhar mais criativo diante do que se apresenta no meio online no intuito de afinar nossa escuta clínica, buscaremos compreender como determinadas ferramentas digitais podem se apresentar como operadores subjetivantes, principalmente na adolescência. Por mais que este contexto acolha variadas formas de expressão, percebemos que, na adolescência, um recurso comunicativo específico se destaca: a expressão de si através de imagens digitais. Seja

em relação à meticulosa escolha das fotos de perfil que selecionam para usar em suas redes sociais ou pelas postagens diárias que fazem de suas rotinas, os adolescentes estão, a todo tempo, apresentando-se nas telas através de imagens digitais. O que estas imagens, quando apresentadas a nós, podem comunicar sobre estes sujeitos?

As imagens digitais na adolescência: narrativas do contemporâneo

Entendemos que a valorização do registro visual pelos adolescentes no ambiente digital decorre de um movimento maior, de ordem econômico-sociocultural, típico do contexto contemporâneo, o qual valoriza e facilita o artifício da produção de imagens como narrativas próprias (Bruno, 2013). Sobre isto, a percepção acerca das novas possibilidades de “escritas de si” expostas na web, facilitadas por dispositivos eletrônicos com câmeras acopladas, abalam as fronteiras pelas quais as subjetividades da modernidade se edificavam (Sibilia, 2007) diretamente influenciadas pelos saberes daquele período histórico, estimulou-se, no ocidente, a germinação de subjetividades *introduzidas*, relacionando-se à ideia de que, naquele momento, considerava-se que o encontro com a verdade de si somente seria alcançado por meio de mecanismos introspectivos (Sibilia, 2007).

Prenunciada pelos textos de Santo Agostinho, as ideias sobre o deslocamento da verdade para o interior do homem foram explicitadas de maneira definitiva pelo referencial cartesiano da racionalidade, marco da modernidade. A perspectiva do *eu penso (logo existo)* não se concentra no mundo material e exterior das ações e das interações sociais – ou seja, daquele grande fora do sujeito – mas, ao contrário, finca-se na “interioridade imaterial da mente e da alma” (Sibilia, 2007, pp.86-87). Assim, com Descartes, a proposta do voltar-se para o interior da subjetividade não buscava mais o encontro com Deus, mas, sim, o encontro consigo mesmo.

Por outro lado, o Eu da Era Moderna, oriundo das profundezas do psiquismo, oculto e mais facilmente protegido à face dos olhares alheios, no contemporâneo, se desenha como um Eu visível, cuja “subjatividade é capaz de se mostrar na superfície da pele e das telas” (Sibilia 2007, p. 199). Nesta perspectiva, os tempos atuais conduzem mudanças em relação a configuração subjetiva dos indivíduos, considerando que o ambiente digital os convoca a se projetarem ativamente diante das telas para serem vistos por outros usuários. Podemos dizer, portanto, que nos deparamos com um radical deslocamento do registro de subjatividades antes *introduzidas* para as *alterdirigidas* (Sibilia, 2007).

No atual modelo, impera a ideia de que se ninguém vê algo é bem provável que esse algo não exista (Sibilia, 2007). Esta máxima aponta que, se algum conteúdo não é radicalmente explicitado e visível pela coletividade, ele seria ilusório e, conseqüentemente, inexistente. Desta maneira, a questão da visibilidade e do apelo à imagem no contexto atual é central, ganhando relevo com a inclusão dos dispositivos eletrônicos e redes sociais, utilizados cada vez mais cedo. Assim, nas práticas atuais em questão, o Eu se realiza e se efetiva muito mais na proximidade do olhar do outro, na prática visível, do que no recolhimento e na introspeção referenciadas outrora (Bruno, 2013).

Além disso, o aspecto corporal adquire um valor fundamental neste novo contexto. As telas ampliariam este campo de visibilidade, onde o corpo se apresenta ao outro de forma intensa por intermédio de imagens construídas nas redes, principalmente na adolescência (Sibilia, 2007) A intimidade de outrora, ligada ao privado e ao recolhimento, constitui-se hoje em uma matéria que é produzida ao mesmo tempo em que é assistida pelo outro, “que é chamado a participar ativamente nestas novas modalidades de exposição de si” (Bruno, 2013, p. 69).

Buscando compreender o que está em jogo neste novo campo de visibilidades, Tisseron

(2011), estudioso das relações entre tecnologia e subjetivação, designa por *extimidade*, o desejo de expor seu mundo íntimo ao outro, evidente na vivência digital. A extimidade resulta de um movimento de exposição de fragmentos do Eu íntimo na internet, impulsionado pelo desejo de uma busca genuína pela singularidade e por uma autenticidade de si. Vale frisar, contudo, que a visibilidade de aspectos subjetivos expostos ao olhar do outro, para o autor, não se confunde de nenhuma maneira com exibicionismo, conotação de cunho negativo diante de um sujeito que se fixa em um ritual rígido, congelado e repetitivo. Pelo contrário. Tisseron (2011) determina que este desejo representa uma atitude de risco cuja vulnerabilidade está a todo tempo em pauta, referenciada em um não-saber sobre si através do que se exhibe.

Evidencia-se o aspecto de vulnerabilidade no desejo de extimidade ao percebermos que a contemporaneidade denuncia um sentimento de timidez que remonta à experiência narcísica, relatado pelos sujeitos como se “os seus elementos mais íntimos adornassem as partes mais visíveis de si” (Câmara, Klein & Herzog, 2014, p. 110). Neste sentido, para compreendermos as formas de expressividade adolescentes no contexto digital e ampliarmos nossa escuta na clínica da adolescência, precisamos nos distanciar de uma visão que pensa que suas publicações nas redes obedecem à lógica da manipulação e da mentira, principalmente neste momento de vida. Isto porque o ato de desejar ver e ser visto não concerne apenas a circuitos de controle, mas também reúne registros de prazer, sociabilidade e entretenimento (Bruno, 2013).

Dessa forma, ressaltamos que o Eu da atualidade é visível e se constitui na imagem e como imagem, portanto, exterior às profundezas de si e aberto ao mundo. Uma ampliação da margem de interatividade com o outro precisa ocorrer para que seja possível tomar para si seus próprios atributos. É pela interação com os espectadores que uma

composição da imagem de si, agora visível, pode ser tecida (Bruno, 2013). Esta dança de visibilidades no meio tecnológico é cristalina ao estudarmos a adolescência no contemporâneo, onde, nestes espaços, se apresentam para o mundo, se constituem e se subjetivam.

Analisando o site de algumas das redes sociais mais populares na adolescência, percebemos a emergência de um apelo explícito ao uso de ferramentas comunicativas, para além da escrita e da linguagem oral, de caráter visual. O próprio site do aplicativo Whatsapp intitula esta rede social como um lugar onde as conversas podem ser expressivas e genuínas e propõe que: “quando as palavras não forem suficientes, você poderá expressar sua personalidade de inúmeras maneiras com os recursos do WhatsApp: fotos e vídeos, notas de vídeo, figurinhas e muito mais” (Whatsapp, 2025). Ainda disponibilizam aos seus usuários o uso de “qualquer emoji para reagir a mensagens e compartilhar seus pensamentos de forma fácil e instantânea” (Whatsapp, 2025). No mesmo sentido, o Instagram também oferta novas ferramentas comunicativas, alegando que “nossos recursos em constante evolução permitem que você se expresse de novas maneiras” (Instagram, 2025).

Com esses exemplos, podemos rapidamente notar que as ferramentas tecnológicas não apenas permitem, mas também incentivam o uso de outras formas expressivas que transcendem a linguagem verbal e são amplamente utilizadas na adolescência. Nesse universo, percebemos que a publicação de imagens digitais aponta para um formato comunicativo diferente, mas igualmente expressivo. Assim, enquanto a comunicação analógica, também chamada de pré-verbal, diz respeito à transmissão de mensagens que comportam conteúdos emocionais através de comportamentos não linguísticos como mímicas, olhares e gestos, a comunicação digital trata de mensagens expressas mediante comportamentos linguísticos (palavras, frases, interlocuções

verbais) (Golse & Desjardins, 2005). Percebemos, com isto, como a linguagem é plural, englobando diversas camadas expressivas. Levando em consideração as diferentes formas pelas quais a comunicação se faz possível, podemos avançar na proposta de uma ampliação da escuta clínica para abarcar também as imagens digitais da adolescência, dando relevo a este aspecto analógico da comunicação.

Diante disso, nos questionamos se os adolescentes, nas redes, produzem conteúdos significativos sobre suas experiências que ultrapassam a linguagem verbal, encontrando nas imagens digitais um registro de expressão igualmente relevante. Tendo seus corpos como protagonistas, pensamos se estas ilustrações da adolescência, visíveis ao olhar do outro, poderiam ser pensadas como linguagens não-verbais, dotando de mesmo conteúdo comunicativo daquelas que se exprimem fora das telas.

Expressões não verbais da adolescência no contexto digital: linguagens do ato e do corpo

Da mesma forma que Dolto (1986/2018), consideramos que linguagem falada é apenas uma forma particular de expressão do desejo incontornável de se estabelecer uma comunicação com o outro. Trabalhando com ilustrações gráficas e plásticas, a psicanalista francesa considera que é possível que uma criança, mesmo bem pequena, entre em comunicação, podendo “expressar-se verdadeiramente com um adulto, sem, no entanto, falar com ele” (Dolto, 1984/2017, p.24). Assim, a clínica psicanalítica da primeira infância demonstra como outras formas de trabalho analítico, para além da escuta da associatividade verbal, são possíveis, dando relevo a manifestações subjetivas da ordem do ato, do corpo e do afeto (Ciccione, 2025). Estas primeiras linguagens mantêm-se durante toda a vida e são essenciais para a manutenção da expressividade, mesmo quando a verbalização da comunicação já

eclodiu, contribuindo para a manutenção do complexo núcleo expressivo que possuímos (Roussillon, 2009).

Com o advento da adolescência, entendemos que estas outras vias expressivas são mais fortemente ativadas, principalmente por conta da retomada da situação de dependência que este momento comporta. Mobilizando questões tanto narcísicas quanto edípicas, a adolescência demanda do psiquismo a administração de intensidades pulsionais que tocam no desamparo e vulnerabilidade, trazendo à tona, mais fortemente, manifestações destas primeiras formas expressivas. A prevalência deste repertório nos dá notícias de uma precariedade na elaboração psíquica, situação em que mecanismos comunicativos anteriores à linguagem verbal entram intensamente em cena (Roussillon, 2019). A nosso ver, as imagens digitais compartilhadas pelos adolescentes nas redes configuram-se formas de linguagem inscritas no registro do corpo e da ação, tão relevantes quanto a palavra, embora frequentemente subestimadas, como se possuísem menor valor em relação ao que é transmitido oralmente.

Lembramos como a adolescência é repleta de complexidades e paradoxos, seja em relação à necessária apropriação da situação de dependência, como pela desestabilização diante da experimentação de sensações de um novo corpo. Este movimento não é simples e envolve um trabalho complexo de elaboração, abalando as estruturas até então consolidadas e protegidas pela instituição da infância. A metabolização das mudanças corporais, o necessário distanciamento das figuras de referência e a incerteza identificatória são apenas alguns dos impasses que estes sujeitos precisam lidar para seguirem em frente. Sendo assim, como “migrantes”, precisam atravessar um período intermediário cuja marca é a vulnerabilidade, principalmente em relação a um sentimento de insegurança em relação a sua identidade (Roussillon, 2010).

Marty (2006), estudioso da adolescência, considera o acontecimento pubertário da ordem de um arrombamento, e, por isso, duplamente ameaçador para a integridade egóica destes sujeitos. Para o autor, esta ameaça é tanto interna, narcísica, situação em que os adolescentes precisam renunciar a seus objetos infantis; quanto externa – ou vivida como externa. Assim, diante do bombardeio da puberdade, o adolescente passa a perceber seu novo corpo como uma ameaça exterior, um corpo estranho, eventualmente persecutório e não unificado (Marty, 2006). Agora pronto para a reprodução e biologicamente desenvolvido, o corpo púbere passa a ser experimentado com um tipo de desconforto como o de alguém que detém algo que não é seu, desintegrado de um lugar psíquico interno.

Além disso, os adolescentes precisam enfrentar a árdua tarefa de renunciar a seus objetos de amor de outro tempo e se reestruturar na busca de outros novos que possam se oferecer em uma “corrente sensual” (Freud, 1905/1996, p.189). Contudo, é extremamente difícil realizar a destituição da posição de seus investidores narcísicos, exatamente porque acreditam que as novas escolhas substitutas, agora possíveis de serem alcançadas pela genitalidade, são duvidosas. Perguntam-se: será que eles me amarão incondicionalmente como meus pais? (Pinheiro, 2001).

Através das ferramentas expressivas ofertadas pelos dispositivos tecnológicos, os adolescentes, em ato, podem colocar em trabalho a recomposição de suas imagens corporais e do redirecionamento do olhar parental para o olhar do outro social. Como atuações, entendemos que estas ilustrações digitais auxiliam estes sujeitos a posicionarem ativamente seus novos corpos transformados pela puberdade em direção ao outro, tendo as telas como intermediadores. Sobre isto, Le Breton (2017) relata que os adolescentes experimentam, nas telas, ressonâncias desta imagem ainda inacabada que vivenciam de

seus corpos em modificação, a qual vai se consolidando na medida em que os receptores ressoam, em retorno, alguma confirmação sobre o que viram.

A questão do ato se situa no núcleo da problemática da adolescência e “tem característica pluriforme, não só se apresentando sob diferentes formas, como também com intenções e funções diferentes” (Demantova, 2017, p.31). Assim, os adolescentes, pela via da atuação, tentarão diferenciar os registros psíquicos ameaçados de confusão e tentarão introduzir limites, apoiando-se no corpo (Roussillon, 2010). Desta maneira, buscando sair de uma situação de passividade, sob a qual não possuem qualquer domínio, o campo da atuação pode representar uma tentativa de controle de um corpo púbere, em constante transformação (Cardoso, 2001).

Sobre o recurso à ação, Mayer (2001) sublinha a importante dimensão de convocação dos *actings*. Neste registro, coloca-se em cena determinada mensagem dirigida a um outro significativo – pai, mãe, analista, etc., pulsando uma esperança, por quem executa o ato, de ser reconhecido em sua dimensão desejante, mesmo que inconscientemente. O componente de mensagem, de algo que o sujeito busca dizer, mas que não consegue fazê-lo em palavras, é central quando nos referimos a estas imagens digitais, cuja natureza, na nossa percepção, é de um endereçamento do corpo adolescente ao objeto. Assim, o papel da alteridade é fundamental para o trabalho da adolescência, principalmente quando o registro não-verbal está em primeiro plano, demandando do outro um posicionamento diante do que lhe é endereçado.

Na nossa perspectiva, o aspecto dinâmico dos atos é ativado a cada vez que os adolescentes postam novas imagens digitais de seus corpos nas redes. Esta concepção leva em consideração um potencial simbólico do que se faz mostrar pela via corporal, pelo qual um horizonte elaborativo é almejado. Sendo assim, o valor integrativo dos atos não pode

ser negligenciado, tendo em vista que é por intermédio desse registro que os adolescentes podem testar a si mesmos e suas consistências, principalmente quando suas identidades estão fragilizadas (Roussillon, 2010). Neste contexto, o adolescente pode exteriorizar o interno a fim de compreender-se mais claramente, produzindo, em ato, algo que seu corpo busca significação (Le Breton, 2010).

Por meio de fotografias e imagens, percebemos que certos adolescentes se utilizam das novas ferramentas expressivas disponibilizadas pelas redes sociais como um lugar privilegiado para encenarem, com seus corpos, aspectos que podem estar fragmentados ou dissociados de suas vidas psíquicas. Isto porque, como vimos, a modificação abrupta de seus corpos e a necessária busca por novas identificações colaboram para que uma desorganização psicossomática se dê. Assim, o sentimento de si, antes conhecido, é abalado, contribuindo para que defesas arcaicas sejam acionadas diante da ameaça de uma perda radical de seus objetos primordiais.

Quando trazemos uma situação em que o corpo exhibe em uma cena o que o sujeito não pode dizer, o campo da dissociação se evidencia, ao contrário do que verificamos ocorrer na seara dos conflitos psíquicos. No conflito, a pessoa, consciente ou inconscientemente, “sabe” da existência dos dois lados da equação, conforme salienta Kahn (1971/1977). Por outro lado, segundo o autor, nos estados dissociados não temos tal evidência disso: “a pessoa é todos os elementos de seus estados dissociados e os vive como tal” (p. 298). Figurando-os no corpo, o sujeito fica totalmente envolvido com cada aspecto, o que remete a contradições, pois, nesses casos, a presença da dissociação é ignorada. Podemos afirmar, portanto, que a dissociação se refere a uma coexistência de estados desintegrados do *self*.

Importante sublinharmos que não estamos afirmando que as imagens digitais que todos os adolescentes postam no contexto

tecnológico são representações patogênicas de mecanismos defensivos. Aproveitamos deste conceito pois acreditamos que ele nos ajuda a problematizar experiências que podem ser vividas no e pelo corpo e se comunicam por outros meios além linguagem oral. Isto se torna mais relevante, para Kahn, no caso de sujeitos dissociados, sugerindo que possamos escutar o que também advém do corporal, que pode expressar, muitas vezes, o contrário do que verbalizam em análise.

Na seara da dissociação psíquica, os sujeitos “encenam em seu corpo determinados aspectos de sua subjetividades e de sua vida que não mantêm nenhuma relação com aquilo que dizem” (Gondar, 2020, p.29). Como dois lados da mesma moeda, coexistem sem conhecerem-se. Do mesmo modo, pensamos que a encenação como recurso expressivo de aspectos dissociados possui uma dimensão de apelo, principalmente quando tratamos de postagens publicizadas nas redes para serem vistas por outros. Tal compreensão baseia-se na ideia de que o comportamento, na transferência, manifesta o desejo de restituir o valor de um signo perdido, quando o outro reconhece o que lhe foi endereçado e confirma seu recebimento (Roussillon, 2019).

A ideia de encenação nos é útil para problematizarmos as imagens digitais adolescentes, considerando que o meio tecnológico abre portas para que estes sujeitos possam demonstrar seu sofrimento de uma forma “psicossomática”, ou seja, numa tentativa de metabolizar psiquicamente seu sofrimento em ação (Zornig, 2008b). Assim, além de nos dar notícias sobre uma outra dimensão de suas dores, a encenação também “exige uma testemunha que a experimente e informe” (Kahn, 1971/1977, p.302).

Diante disto, o campo das expressividades, que envolvem o corpo e o ato, intima os analistas de adolescentes a repensarem o manejo clínico diante de conteúdos encenados, que podem, por vezes, contradizerem

o que estes mesmos sujeitos verbalizam em análise. Nestes casos, implicações ao manejo clínico se fazem necessárias quando consideramos que estas imagens ativamente apresentadas ao olhar do analista, fazendo-se incluídas na dinâmica transferencial, mesmo que longe dos encontros presenciais. Diante do que vê, o analista não pode se eximir de ser naturalmente afetado por estas imagens e experimentar sensações diante do que, por elas, é transmitido.

Da encenação à elaboração: as imagens digitais da adolescência na dinâmica transferencial

Na experiência clínica com adolescentes, é comum disponibilizarmos nossos contatos telefônicos com estes sujeitos para eventuais comunicações para além das sessões. O dispositivo da rede social Whatsapp, por exemplo, é rotineiramente utilizado entre analistas e analisandos para realizarem remarcações, desmarcações e até mesmo para trocas pontuais. Notando suas imagens de perfil desta rede, quando dessas trocas, percebemos que alguns jovens preferem destacar alguns elementos do recorte de suas fotografias em detrimentos de outros, convocando a atenção do espectador para componentes específicos da imagem. Há ainda os que selecionam imagens, onde parecem estar buscando ocultar-se, ofuscando propositalmente suas identidades com o brilho do flash nas inúmeras selfies que tiram no espelho. É intrigante encontrarmos, ainda, uma parcela de adolescentes que jamais utilizam fotos de si mesmos nesta rede, representando-se neste universo unicamente por paisagens, ou sem escolha de qualquer imagem digital para chamarem de sua, anonimizados.

As imagens digitais dos adolescentes postadas nas redes nos instigaram a refletir sobre a pertinência de sua inclusão em nossa escuta clínica e sobre as possíveis repercussões desses elementos expressivos na dinâmica transferencial. Tornou-se evidente, desde o início, que não poderia ser de outro

modo. Estas imagens da adolescência se fazem, por conta própria, chegar aos olhos dos analistas, quando destas trocas digitais. Sendo assim, foi a partir do nosso impacto diante das imagens publicadas no Whatsapp pelos nossos analisandos adolescentes, ferramenta de comunicação tão utilizada hoje em nossa prática clínica, que questões sobre a contratransferência e sobre o manejo diante de elementos expressivos não verbais começaram a ser formuladas. Propondo uma expansão do *setting* clássico, apostamos na potencialidade comunicativa destas imagens que são postadas para justamente serem vistas por espectadores, incluindo o analista nesta dinâmica de visibilidades. Estas produções, a nosso ver, fazem parte de um repertório ampliado do corpo na adolescência que também merece ser tratado como material de análise, intensamente encenado por estes sujeitos nas redes sociais e adentrando no contexto transferencial.

Nesta argumentação, a noção de corporeidade na clínica nos ajuda a compreender o uso que propomos com a ideia de encenação, apresentando o corpo em sua dupla dimensão: psíquica e relacional, presentificando em si a história de tempos primevos da constituição psíquica (Zornig, 2008b; Coelho Jr, 2012). Sendo assim, a prática direcionada a uma clínica dos primórdios confronta o analista a escutar as falhas básicas no processo de construção do Eu, valorizando a posição assumida pelo objeto para o desenrolar da construção das fronteiras eu-outro e do senso de Eu, eixos narcísicos mobilizados pelo adolescer. Isto muda totalmente o paradigma de uma clínica calcada no conteúdo do que é verbalmente transmitido e passa a valorizar dimensões sensíveis e perceptivas da expressividade, contribuindo para a constituição de um solo estésico para o trabalho psicanalítico (Zornig, 2008a).

A valorização das formas de apresentação de si pelos adolescentes nas redes sociais evidencia as noções de corporeidade e encenação, articulando a importância dos

modos primitivos de presença do objeto à proposta contemporânea de ampliação do *setting* passando a integrar as imagens digitais da adolescência. Assim, o encontro com o objeto como referencial para a construção do psiquismo também se faz em análise, evidenciando a dimensão intersubjetiva da vida psíquica. Ademais, sublinha-se a importância do reconhecimento alteritário do objeto que é convocado a escutar certos sinais somáticos que necessitam de tradução e amarração simbólica (Zornig 2008a). Sobre isto, “é evidente que todo analista olha para o paciente, mas é questão é: quanto ele usa desta informação perceptiva e de que modo” (Kahn, 1971/1977, p. 299).

Quando o corpo entra em cena, reformulações no trabalho analítico clássico são necessárias, no qual o analista passa a ser parte ativa e essencial no processo, dando relevo não só a dimensão pulsional, mas a qualidade da presença do objeto (Zornig, 2008b; Coelho Jr, 2012). A proposta deste novo paradigma metapsicológico intersubjetivo que alcança tanto a pulsionalidade como a questão do sexual inconsciente do objeto para que a simbolização se desenrole, certamente mobiliza nossa prática clínica. No âmbito das comunicações não-verbais na adolescência, notamos como o plano relacional é protagonista na dinâmica transferencial intersubjetiva, expandindo a proposta freudiana mais interessada nas articulações intrapsíquicas (Coelho Jr. 2008, 2012; Reis, 2012).

Diante das múltiplas formas com que os adolescentes se apresentam nas imagens digitais, o analista é inevitavelmente afetado e convocado a um posicionamento alteritário, sensível à pulsionalidade que o sujeito põe em ato nas encenações do corpo. Esta postura vai na contramão de uma conduta fria e muda do analista, colocação magistralmente defendida por Ferenczi (1931/2011), principalmente quando circundamos o campo de materiais subjetivos atuados. Neste jogo interativo, cabe ao próprio clínico encontrar

um meio de intervir diante de expressões agidas, no intuito de ajudá-las a recuperar seu valor de signo, “tomando sua própria subjetividade como apoio, apoiando-se no que esse comportamento “produz” nele, sobre ele” (Roussillon, 2019, p.121). Sobre esta proposição, respeitando as necessidades de cada um, o analista passa a assumir uma função simbolizante, operando como um recurso facilitador para que o sujeito “se veja”, reconhecendo seus próprios estados psíquicos, abrindo caminhos para a simbolização (Roussillon, 2015).

Ogden (2025) advoga por uma posição analítica mais horizontal no manejo da transferência, sobretudo quando tratamos de sujeitos que possivelmente vivenciaram formas de investimento precárias com seus objetos primordiais, situados no contexto das experiências “falta-a-ser”. O autor vislumbra que, nestes casos, é trazido para dentro do *setting* o que não foi possível de ser experimentado do *self* no contexto do vínculo primordial, o que é comum notarmos quando atendemos adolescentes que frequentemente estão buscando respostas para a grande pergunta - “Quem sou eu?”. Não mais sozinhos, mas “*recriando juntos*”, espera-se que as experiências que não foram efetivamente experimentadas pelos adolescentes com seus objetos na mais tenra infância possam ser inseridas e reconhecidas em um jogo de interação no seio de encontro clínico (Ogden, 2025), contribuindo para a consolidação da nova identidade subjetiva provocada pela adolescência.

A ideia de testemunha também nos ajuda a pensar no manejo da transferência na adolescência e no papel do analista em relação ao que lhe é endereçado pela via corporal. Neste caminho, o ato de testemunhar relaciona-se com uma capacidade autêntica de reconhecimento do sujeito pelo objeto em relação ao que este tem de mais singular e único (Figueiredo, 2007). Trata-se de uma modalidade de cuidado pela qual o clínico precisa prestar atenção de fato ao que lhe

é endereçado, buscando verdadeiramente ouvi-lo. Frente ao necessário testemunho do analista na dinâmica transferencial, vemos como a intersubjetividade é também lançada na situação clínica, associando-se à função de reconhecimento por parte do objeto, que precisa acusar seu impacto. Isto porque a testemunha não é muda e faz parte de uma função terceira, a qual deve atestar o que se produz no encontro, funcionando como um duplo para o sujeito (Roussillon, 2019). Infelizmente, ressalta Figueiredo (2007), que esta modalidade de cuidados, por ser “discreta e anódina”, é pouco valorizada, a não ser quando falta ou falha.

Valorizando suas imagens digitais, defendemos uma posição clínica que busca escutar todos os sinais de nossos analisandos é essencial, sendo estes verbais ou não-verbais. Esta conduta demanda do analista uma escuta polifônica que abarque os mais diversos registros expressivos (Roussillon, 2019). Na adolescência, notamos como estes sujeitos tentam nos comunicar justamente o que precisam de nós, guiando a nossa intervenção, mesmo que não os façam de forma deliberada e manifesta. Dando ouvidos ao que é encenado pelo corpo, o analista sensível e implicado, principalmente na adolescência, pode efetivamente auxiliar estes sujeitos a darem sentidos ao que parece ter sido impossível de ser subjetivado, possibilitando a inscrição do que não foi experimentado em uma história contextualizada (Roussillon, 2019).

Considerações finais

Diante do exposto, propomos que as imagens digitais da adolescência, ativamente apresentadas ao analista nas eventuais trocas de mensagens entre a dupla, constituem manifestações corporais em forma de ato e ampliam a dinâmica transferencial para além do *setting* clássico. Lembramos o leitor que o escopo deste trabalho se referiu apenas às ilustrações publicizadas pelos adolescentes na web que fizessem incluir o analista

como um de seus espectadores, fazendo-o alvo deste endereçamento do corpo em ato. Assim, buscamos problematizar a posição que ocupa o analista de adolescentes que volta a sua escuta para além da palavra, acolhendo outras formas de comunicação. Nestas circunstâncias, apostamos que suas imagens digitais, como manifestações do corpo, “ser entendidas, em psicanálise, como formas de narração” (Roussillon, 2009, p. 145).

Sendo assim, o caminho percorrido da encenação para uma construção de sentido, principalmente na adolescência, demanda do analista uma escuta ampliada que possa acessar os vários registros de expressividade infiltrados na situação atual, mas também solicitam deste uma implicação mais ativa – porém sempre cuidadosa - neste processo. Suscitando o objeto em uma nova demanda narcísica subjetivante, agora no espaço digital, percebemos como uma ampliação da escuta do corpo na adolescência na prática clínica se faz necessária.

Os elementos não integrados e não vividos que são notados contratransferencialmente na situação analítica, quando o analista aceita ser pressionado pela potência da comunicação agida, acolhendo-a e oferecendo sua matéria psíquica à força das pulsões (Minerbo, 2016). Esta dinâmica transferencial intersubjetiva, para Minerbo (2016), requer do analista uma grande disponibilidade e abertura, permitindo que seu corpo e afetos sintam os diversos gradientes de comunicação endereçados a si. Nestes termos, a contratransferência é percebida pelo analista, “muito mais pela barriga do que com as orelhas” (p.38), dando luz ao registro da corporeidade e das percepções mais sutis. Na clínica, devemos escutar com o corpo inteiro.

Diante disto, a subjetividade do analista passa a compor a cena transferencial de forma mais ativa, já que, quando o corpo está em cena, faz-se preciso mergulhar no universo das suas próprias sensações, influenciadas

por estas imagens digitais. Observamos que as imagens digitais dos adolescentes atravessam e mobilizam a subjetividade do analista que, quando devidamente escutadas, podem orientar intervenções e sustentar novas formas de aposta no processo analítico. A partir dessa experiência, compreendemos como problematizar a contratransferência é parte fundamental do trabalho, reconhecendo-a como elemento essencial da escuta clínica.

Na seara das problemáticas que envolvem vínculos frágeis com os objetos primordiais, notamos como estar atento às sutilezas da contratransferência impele o analista a sentir, visceralmente, estados afetivos não experimentados pelos seus analisandos adolescentes. É importante ressaltar que experienciar afetos que possivelmente jamais foram experimentados é extremamente complexo, pois confunde-se o que advém da história do outro e o que está referenciado à nossa própria história pessoal. No intuito de sintonizarmos nosso campo afetivo com o de nossos analisandos adolescentes, percebemos como é inevitável que entremos em contato com nossos próprios núcleos infantis e com a alteridade que deles advém. Nestes casos, um investimento rigoroso em supervisão e análise pessoal torna-se ainda mais indispensável.

Ferenczi (1931/2011), ao questionar a técnica clássica na condução de casos difíceis, indagava: a causa do fracasso será sempre resistência do paciente? Assim, quando o analista se disponibiliza a oferecer-se integralmente ao campo sensível na clínica, de corpo e alma, procura atuar em contraste com a forma pelo qual o vínculo pode ter se dado nos primórdios, o que se traduz em uma forma menos ortodoxa de manejar a transferência. Apostando em uma atenuação do rigor técnico habitual, a nossa proposta de uma ampliação da escuta do corpo na adolescência para incluir o que estes sujeitos encenam de si através de suas imagens digitais faz questionar nossa qualidade de escuta

para abarcar outros registros associativos para além do verbo. Implicando nossa própria subjetividade no manejo transferencial, reconhecendo e testemunhando o impacto que nos causam os endereçamentos na adolescência dialoga com uma forma de fazer clínica mais espontânea e horizontal, protagonizando a qualidade da presença.

Valorizar que, analisando e analista são mutuamente afetados um pelo outro, ilumina uma proposta de modelo clínico que enfatiza mais o *compartilhar* em psicanálise do que o *conhecer* (Reis, 2012). Quando atendendo adolescentes, esse *compartilhar* mostra-se ainda mais potente, uma vez que o vivido em solidão subjetiva nos primórdios pode emergir com toda a sua força especialmente neste momento de vida, eclodindo sentimentos como vazio e desconexão, dificultando suas buscas identitárias. Sendo assim, considerar a contratransferência, para além de uma simples reação à transferência implica, sustentar a subjetividade do analista como sempre atravessada pela alteridade.

Referências

- Bruno, F. (2013). *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Sulina.
- Cardoso, M. R. (2001). Adolescência e violência: uma questão de fronteiras? In *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 41–55). Nau/Faperj.
- Ciccione, A. (2025, abril 11). O infantil, seus contornos, suas vias de expressão, suas marcas. *Palestra online apresentada na Mesa de Debate do Grupo de Pesquisa "Os primórdios da vida psíquica: Clínica dos primeiros anos"*. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – CPRJ.
- Coelho Jr., N. (2008). Formas de comunicação e intersubjetividade em psicanálise. In L. C. Figueiredo, & N. E. Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise* (2a ed). (pp. 123–141). Escuta.
- Coelho, Jr., N. (2012). Intersubjetividade e corporeidade: dimensões da clínica psicanalítica. In N. Coelho Jr; P. Salem & P. Klautau (Orgs), *Dimensões da intersubjetividade* (pp. 71–90). Escuta/FAPESP.
- Demantova, A. G. (2017). *Escarificações na adolescência: corpo atacado, corpo marcado* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Dolto, F. (1984/2017). *A imagem inconsciente do corpo*. Perspectiva.
- Dolto, F. (2018). Prólogo. In *Tudo é linguagem* (2ª ed) (pp. XV–XVII). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1931/2011). Análise de crianças com adultos. In *Psicanálise IV* (2ª ed.) pp. 79–95). WMF Martins Fontes.
- Figueiredo, L. C. (2009). A metapsicologia do cuidado. *Psique*, 11(21), 13–30.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, . 7, 119–230. Imago.
- Golse, B., & Desjardins, V. (2005). Corpo, formas, movimentos e ritmo como precursores da emergência da intersubjetividade e da palavra no bebê: uma reflexão sobre os inícios da linguagem verbal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(1), 14–29.
- Gondar, J. (2020). Ouvir com os olhos: gestos, expressões e ritmos. *Reverso*, 42(79), 29–36.
- Instagram. (2025, maio 3). Página inicial. Recuperado de <https://about.instagram.com/pt-br/>
- Jerusalinsky, J. (2023). A sobredeterminação algorítmica do sujeito contemporâneo, a sociedade da pós-verdade e a virtualidade como quarto registro. *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*, 32(35), 129–139.
- Kahn, M. M. R. (1971). Ouvir com os olhos: Notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 25(2), 143–157.
- Le Breton, D. (2010). Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, 16(33), 25–40.
- Le Breton, D. (2017). Adolescência e comunicação. In *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 15–32). Artesã Editora.
- Lévy, P. (2011). *O que é o virtual?* Editora 34.
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 119–131.
- Mayer, H. (2001). Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 81–101).

- Minerbo, M. (2016). *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. Blucher.
- Ogden, T. H. (2025). Inventing psychoanalysis with each patient. *The International Journal of Psychoanalysis*, 106(3), 473–488.
- Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 69–79). Nau/Faperj.
- Reis, B. (2012). Compartilhando a intersubjetividade: novos fundamentos filosóficos para uma psicanálise com outros. In N. Coelho Jr., P. Salem, & P. Klautau (Orgs.), *Dimensões da intersubjetividade* (pp.215-246). Escuta.
- Roussillon, R. (2009). A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16(1), 143–165.
- Roussillon, R. (2010). Précarité et vulnérabilité identitaires à l'adolescence. *Adolescence*, 28(2), 241–252.
- Roussillon, R. (2015). A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 257–286.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. Blucher.
- Sibilia, P. (2007). *O show do eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TIC Kids Online. (2025). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2024* [livro eletrônico]. Comitê Gestor da Internet no Brasil. https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512154312/tic_kids_online_2024_livro_eletronico.pdf
- Tisseron, S. (2011). Intimité et extimité. *Communications*, 88, 83–91.
- WhatsApp. (2025, maio 3). Recursos. <https://www.whatsapp.com/expressyourself>
- Zornig, S. (2008a). Corporeidade na clínica: primórdios do psiquismo. *Tempo Psicanalítico*, 40(2), 327–337.
- Zornig, S. (2008b). Transferência na clínica psicanalítica com crianças. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), pp.123–133.

Recebido em: 13/08/2025
Aprovado em: 09/10/2025

Sobre as autoras

Luiza Dallale Teixeira

Psicanalista.
Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Membro Associado da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).
Pesquisadora do Laboratório Clínica Psicanalítica e Constituição Psíquica (LABPSI)

E-mail: dallaleluiza@gmail.com

Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Psicanalista.
Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Coordenadora da Especialização em Psicologia Clínica com Crianças da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Membro Titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).
Coordenadora do Laboratório Clínica Psicanalítica e Constituição Psíquica (LABPSI).
Autora de livros e artigos sobre clínica dos primórdios, infância e adolescência.

E-mail: silvia.zornig@gmail.com

Natalia de Oliveira de Paula Cidade

Psicanalista.
Pós-Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da Especialização em Psicologia Clínica com Crianças da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi.
Pesquisadora do Laboratório Clínica Psicanalítica e Constituição Psíquica (LABPSI).

E-mail: nataliaopcidade@gmail.com